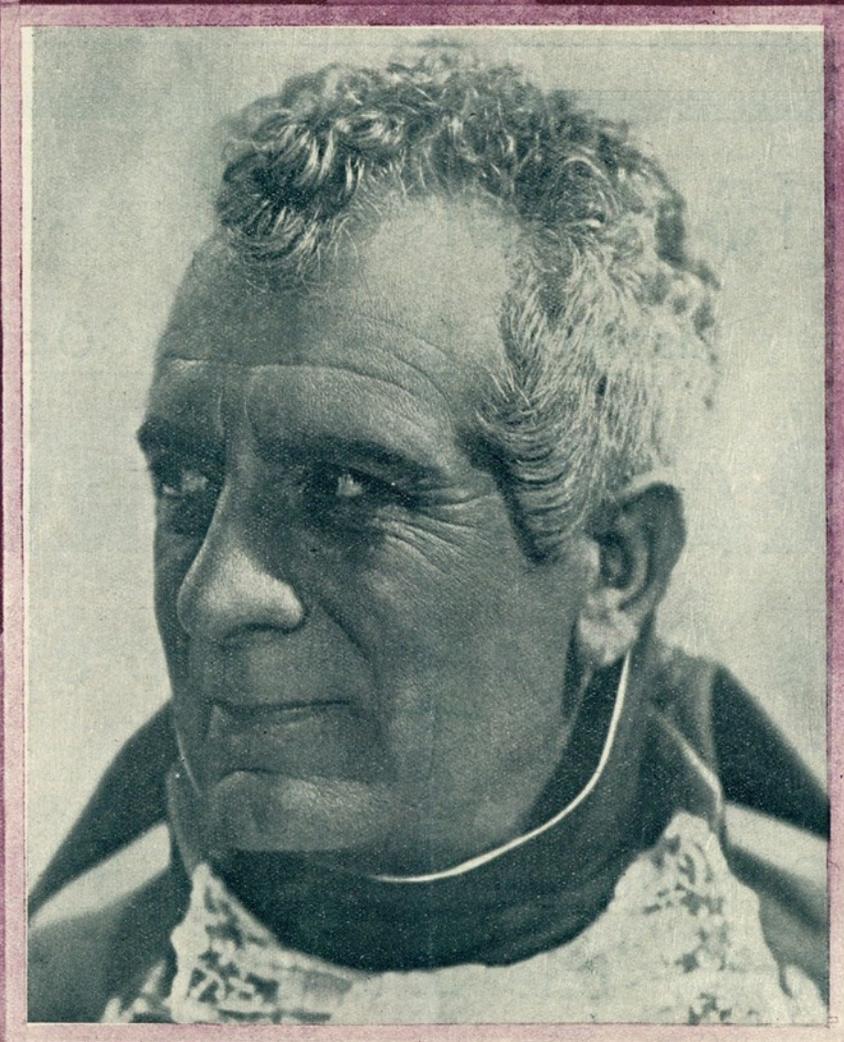


# INVICTA CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 153

50 CENTAVOS

ANO IX



# INVICTA-CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA  
TODAS AS PROCELAS»

DIREÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ROBERTO LINO**

E  
**SOUTINHO D'OLIVEIRA**  
REDACTOR PRINCIPAL  
**ALVES COSTA**

PROPRIEDADE DA  
**EMPRESA INVICTA-CINE**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
(PROVISORIAMENTE)  
RUA DAS MUSAS, 45  
PORTO (Portugal)

**ANO IX**

**Numero 153**

PORTO  
28 DE JANEIRO  
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

**REDACTORES:**

LISBOA: Fernando Barros  
— e Aguinaldo Machado —

PARIS: Daniel Maybon, Robert  
— Gaillard e Maurice Hiléro —

NOVA-YORK: Artur Coelho

HOLLYWOOD: Olimpio Gui-  
— lherme —

BERLIM: Simon Haimovici

VIENA: Fritz Miko

ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## VISITEM

as NOVAS INSTALAÇÕES da

# RADIO-PORTO

na Av. Aliados, 156 a 162

O maior estabelecimento de  
Radio-telefonía em Portugal



## OS DOIS MELHORES FILMES DA SEMANA

# MARROCOS e O CONGRESSO QUE DANSA

**G**OSTEI de *Marrocos*, mas não fiquei satisfeito, digo-vos com tóda a franqueza. Se a realização de Von Sternberg, que tem melhores trabalhos, é notável e cheia de detalhes preciosos, o argumento não me agradou. Eu não chego ao ponto de dizer como certo crítico francês — e por sinal um crítico de muito valor — que *Marrocos* «é um filme indigente e que vem provar que, pelos meios da fotografia animada, é possível atingir uma maior estupidez e uma maior baixeza do que pela própria literatura». Tanto não digo. Mas acho a história folhetinesca e possuidora duma dose de insensatez que o idealismo mal encobre.

Todavia *Marrocos* tem imagens bonitas, muito bonitas mesmo, e sob um ponto de vista exclusivamente cinográfico é de justiça dizer-se que, na sua lentidão propositada mas harmoniosa, o filme está conduzido com segurança absoluta e com aquele cuidado do detalhe tão particular de Joseph von Sternberg. Há ainda a apontar um quadro formosíssimo: aquele em que nos são mostrados dois sapatos abandonados, na areia, quando *ela* resolve seguir o bando de mulheres que acompanham até à morte os legionários que partem.

Gary Cooper e Marlène Dietrich desempenham os primeiros papéis com bastante acerto. Marlène Dietrich, para quem tiveram o cuidado de arranjar um papel em que podesse mostrar à vontade os seus apreciáveis membros locumotores, está bem dentro da figura que interpreta, e que interpreta muito bem, mas... temo, ainda, fazer um juízo definitivo sobre o seu talento e as suas possibilidades futuras. Adolfo Menjou continua vestindo fatos muito bem feitos... mas decaindo sempre.

Em resumo, gostei de *Marrocos*, mas esperava outra coisa... esperava mais...



*O Congresso que dança* é um filme delicioso, que encanta, que dispõe bem.

A intriga, um conto de amor extremamente

na capa:

**Pierre Magnier**  
que no surpreendente filme  
**O CONGRESSO  
QUE DANSA**  
desempenha o papel de  
— Metternich. —

ao lado:

Um grupo de encantadoras  
girls da «M. G. M.»

singelo, é certo que pouco vale, mas Eric Charell soube tão bem compôr, em redor dessa historieta, um filme tão homogêneo, tão agradável e tão bem feito, que nós esquecemo-nos da simplicidade quási ingênua do argumento para nos deixarmos levar por êsse desfile de lindos quadros, por essas valsas que nos enbalam, por essa figurinha delicada, de rosto de boneca, trasbordante de juventude, gracil e coleante, que se chama Lilian Harvey.

O filme está magnificamente desenvolvido, desenrolando-se desde a primeira à última cena numa perfeita harmonia. Música e imagem combinam-se e acompanham-se em ligação impecável. Recordo aquela passagem em que Christel e Pépi discutem à porta da luvaria. Lembra-se? «*Je jeterai!*» diz ela, «*tu ne jetteras pas!*» diz êle... e com o corpo e com os pés, vão marcando os primeiros compassos duma marcha que uma banda de música, que se aproxima, vem executando. Recordo também as primeiras cenas no *heurigen*. Notem a transição destas para as cenas no teatro. Um cantor entôa uma valsa, os corpos dos que o ouvem movimentam-se ao ritmo da música e dentro em pouco todos dançam em loucos volteios. A câmara de filmar, depois dum plano de conjunto, foca os pés dos bailarinos que batem no chão, cada vez mais rapidamente, cada vez com mais força, e, de repente, sem uma suspensão, sem uma quebra de unidade, eis-nos diante dum palco onde se estão executando «As dansas guerreiras do Principe Igor».

Mas isto são pequenos detalhes. O que realmente me maravilhou, em *O Congresso que dança*, foi aquela cena, no final da primeira parte, quando Lilian sai da luvaria e se deixa conduzir ao palácio que o czar lhe ofereceu, cantando: *Ce n'est qu'un rêve, un joli rêve...*

Este fragmento, que é do melhor cinema, que é das coisas mais belas que o fono-cinema nos tem dado, vale pelo filme todo.

(Continua na pág. 14.)

# DA VIDA CINEGRÁFICA

**O Sonoro em Braga** Um velho amigo e assinante da nossa revista residente em Braga, em resposta a uma carta que lhe dirigiu o nosso director, a propósito do cinema sonoro naquela cidade, diz-nos o seguinte:

«... No entanto, se o meu Amigo quer informações sobre as exhibições sonoras n'esta cidade, dir-lhe hei com a maxima franqueza, que se ellas são ás vezes passaveis, na maior parte das vezes são francamente pessimas, devido não só á falta de competencia dos operadores, como tambem á deficiencia do apparelho e sobretudo á falta de condições acusticas de que enferma o theatro d'aqui desde a sua construcção. A meu ver o meu Amigo praticaria uma obra meritoria, dentro do campo da cinephilia, levantando uma campanha persistente contra os exhibidores da Provincia que pretendem dar a conhecer ao publico cinephilo as maravilhas do «sonoro» atravez de apparelhos perfeitamente inaptos para tal, com pelliculas recortadas infamemente e com operadores incompetentes. Mas de resto ainda se desculparia tudo isto se os preços fossem accessiveis; mas qué? aqui em Braga, com um apparelho nas condições a que acima alludo, paga-se o balcão de 1.ª a 7\$00 (!) quando no «Aguia d'Ouro» d'essa, com um apparelho de uma audição maravilhosa, se paga a cadeirã tambem a 7\$00, e confortavelmente superior a quantos balcões de 1.ª aqui há. E' isto admissivel? E ainda temos de levar em linha de conta as fabulosas despesas que a empresa do «Aguia» deve ter feito com o seu cinema, despesas que nem de longe se podem comparar ás hypotheticas despesas que aqui foram effectuadas com a installação do sonoro.

E aqui tem o que se me offerece dizer-lhe sobre o seu gracioso pedido».

## **Mary Pickford, no pidicalo**

A fim de festejar o dia de anos de Charles Farrell, Mary Pickford ofereceu uma grande festa em sua casa, convidando, entre outros: Elsie Janis, Joel Mc Crea, David Manners e Walter Byron.

A festa teve inicio no jardim, continuou na piscina, e acabou nos salões, em seguida a uma opipara ceia.

Douglas Fairbanks, que tinha passado a tarde a jogar o golf, chegou tarde, em companhia dum desconhecido (desconhecido, pelo menos para Mary) a quem apresentou como sendo o Barão de Barnett.

Mary voltou-se imediatamente para o atender, conhecido como é o seu grande orgulho em tratar com aristocratas.

Mas, de repente, Douglas poz-se em frente do Barão, e começou a insulta-lo, violentamente... O escandalo foi enorme! Alguns convidados, porém, sorriam.

Finalmente, Douglas poz o Barão no meio da rua, ante a estupefação de Mary, que quasi desmaiava...

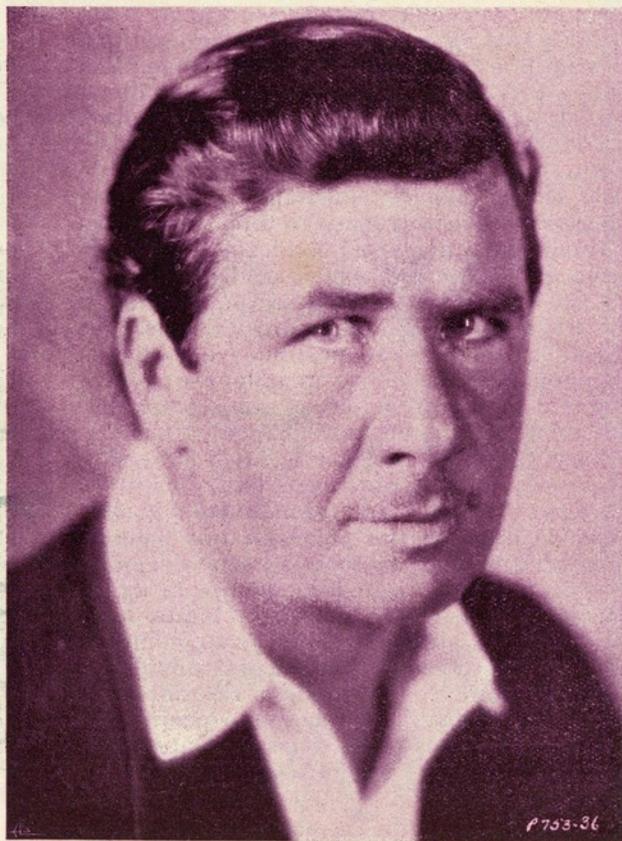
Ao sair, o Barão exclamou:

— Não se esqueça de mim, Mary, e se algum dia se cançar das pantominas de Hollywood, venha para a minha terra aonde (se o seu agente de publicidade não se antecipar) farei com que a esperem a Banda Municipal e uma multidão bem ensaiada a gritar à sua passagem: Viva a noiva da America!

Nesta altura, Douglas soltou uma estridente gargalhada e abraçou o Barão.

Explicou, depois, que tudo havia sido brincadeira.

O suposto Barão era um tal Vincent Barnett, um engraçado de profissão, actualmente sem trabalho (como tantos outros!), e a quem



GEORGE BANCROFT

Terminou recentemente o filme «Audacia que assombra»

Douglas quiz proporcionar o ensejo de ganhar uns cobres.

Quem não se diverte em Hollywood, é porque não quer...

**Quanto mais tu me bates...** Mae Murray e seu marido o príncipe David M'Divani, da casa real do Reino da Geórgia (?) nos Balkans, separaram-se...

Ante o juiz, Mae Murray (que na realidade se chama Nell Brindley) acusou o príncipe duma série de tarefas fenomenas, pelo que apresentava o corpo cheio de nodos.

Desde 27 de Junho de 1926, dia em que se casaram, até agora foram frequentes as sovas — afirma a atriz — tendo-as suportado, estoicamente, até ao *Knockout* em que a deixou dias antes, no Embassy Club.

Um irmão do Príncipe esteve casado com Pola Negri, de quem se divorciou para casar com Mary Mc Cormick. E um outro irmão casou-se com Louise Van Alen, bisneta da multimilionária que chefia os « Quatrocentos ».

Porém, como era de esperar, deu-se a reconciliação de Mae e David, retirando aquela o seu pedido de divórcio.

— Mas a senhora não afirmou que ele lhe batia? — perguntou o juiz.

— Ao que ela respondeu, como qualquer rapariga vulgar:

— Para isso é meu marido!

Enfim, uma nova historia, para que se fale dela. Estamos certamente ameaçados dalgum novo filme da decadente « estrêla ».

**Declarações de Ramon Novarro** Entrevistado por Orita Lage, Ramon Novarro, fez as seguintes declarações: « Às vezes, sinto mais desejos de dirigir filmes do que interpretá-los, mas julgo que isto não é outra coisa senão inquietação artística ».

« É muito curioso como se espalham boatos neste mundo. Sómente porque eu não gosto de publicidade, os jornalistas escrevem artigos relatando que sou amante da solidão e que tenho horror em aparecer em público e, deste modo, todo o mundo julga que eu sou um místico, quando a verdade é que eu me divirto muito com os meus amigos e aprecio muito as festas... »

**Amantes de livros** Sylvia Sidney e William Powell, são os artistas de Hollywood que mais atenção prestam à literatura. Powell, invariavelmente, adquire todos os livros que se editam, sejam eles científicos, religiosos ou novelescos, contendo a sua biblioteca uma quantidade extraordinária de livros antigos e modernos.

Sylvia Sidney, possui também uma boa coleção, conhecendo quasi de cór as principais obras de Shakespeare, Wycherly, Cervantes, Valle Inclán e Congreve.

Quando Sylvia chegou a Hollywood, a

sua bagagem incluía cinco grandes caixões contendo somente livros raros.

**Os leitopes sabiam que...** ... A exótica Marlène Dietrich, que vimos nos filmes *O Anjo Azul* e *Marrocos*, foi artista de zarzuela antes de se dedicar ao cinema?

... A mesma artista fala corretamente inglês, francês e alemão?

... Clive Brook, foi reporter, escritor de novelas curtas e violinista, antes de trabalhar em filmes?

... Tully Marshall, iniciou a sua carreira artística há mais de cinquenta anos?

... O mesmo actor é um dos interpretes do novo filme Paramount *O homem que matei*?

... A encantadora Norma Shearer, segundo a opinião de um empresario desta cidade, é vesga?

Se não sabiam, ficam sabendo...

**Um colecionador de navios** George Bancroft, o afamado actor da Paramount costuma coleccionar modelos de navios. A sua coleção, avaliada em mais de dez mil dólares, dizem ser a mais bonita do Pacífico. Como se sabe, Bancroft prefere trabalhar em filmes em que êle desempenha papeis marítimos.



BEBE DANIELS

Brevemente aparecer-nos-há no filme  
« PARA ALCANÇAR A LUA »

# Carta de Viena

## Alguns programas novos, nos cinemas de Viena

«**Teatro-Scala**» — No dia 7 dêste mês estreou-se nesta sala o fonofilme alemão *Kameradschaft* (Camaradagem). O filme mostra o grande incidente nas minas de Courrieres, com uma profunda realidade. O argumento foi escrito por Vajda e Lampel. Interpretam êste excelente fonofilme, na versão alemã, os artistas Alexander Granach, Fritz Kampers, Ernst Busch, Elisabeth Wendt, G. Püteljer e Oskar Höcker. A direcção é do consagrado mestre G. W. Pabst.

O filme é uma dedicatória aos heróicos mineiros que arriscaram as suas vidas salvando os seus camaradas (1).



Vimos também *Und der Tag Kam*. O realizador dêste filme, H. M. Stahl, ganhou diversos prémios em alguns países com êste seu trabalho. É um drama moderno, mostrando-nos a vida duma mulher dos nossos tempos, quer no casamento, quer no trabalho.



Dr. Franck, famoso médico, apresenta-nos *Sonne über dem Arlberg*, um filme que gastou mais dum ano de trabalho. A acção passa-se no maravilhoso distrito de Arlberg (Tyrolia). Leni Riefenstahl, a formosa artista que nos foi revelada com *A Montanha Sagrada*, Hannes Schneider, e alguns famosos corredores de skys, são os intérpretes.

**Fritz Miko.**

(1) A versão francesa dêste filme, que tem o título de *Tragedie dans la mine* e que também foi dirigida por Pabst, é interpretada por Daniel Mendaille, Georges Charlia, André Decrel, Alex Bernard, Pierre Louis e Helea Manson.

## Regras para uso dos cinéfilos

(Traduzido por F. M. do *Wiener-Film-Journal*)

1.<sup>a</sup> — Quando fores ao cinema, tu deves entrar sempre depois de começado o espectáculo. É muito agradável para os teus vizinhos terem de levantar-se para te deixarem passar. O encanto duma tal situação aumenta se te enganas na fila...

2.<sup>a</sup> — Tu deves despir o teu sobretudo de maneira que, com um cotovelo, tires os óculos ao cavalheiro que estiver atrás de ti, enquanto que, com o outro, achates o chapéu da dama que te ficar ao lado. Ambos terão com isso um enorme prazer.

3.<sup>a</sup> — Deves comer laranjas ou outro fruto suculento, de forma que o sumo salpique o pescoço da senhora que estiver na tua frente. Ela agradecer-te-á pelo refresco.

4.<sup>a</sup> — Durante uma cêna que mostre um combate de *box*, não deixes de vociferar. É muito possível que o filme tenha falta de barulho.

5.<sup>a</sup> — Deves tomar como princípio cantar alto, juntamente com a «estrela», as canções que ouvires. O resto do público veio ao cinema especialmente para ouvir a tua voz.

6.<sup>a</sup> — Não te esqueças de profetizar aos teus vizinhos o que está para vir. Tu deves saber que os outros são fracos de espírito, incapazes de compreenderem o que vêem.

7.<sup>a</sup> — Não deixes tão pouco de conversar, sem pausa, com aqueles que estiverem a teu lado. Nenhum filme é tão emocionante nem tão engraçado como as tuas histórias.

8.<sup>a</sup> — Durante uma cêna de beijos, deves imitar o ruído peculiar dos contactos labiais do galã e da ingénua. Isso é sempre necessário, pois que a sonorização, em tais casos, é sempre má.

9.<sup>a</sup> — Deves levantar-te ruídosamente antes do filme ter acabado. Os que estão atrás de ti não devem ver nem ouvir mais nada. Na generalidade, quem é que se interessa com o *happy-end*?

10.<sup>a</sup> — Cumpre estas regras conscienciosamente. Elas obterão ainda maior efeito, se alguns dos teus amigos seguirem o teu exemplo.

H. T.

# FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO  
NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680

L H  
I A  
L R  
I V  
A E  
N Y



a encantadora intérprete do super-fonofilme  
*O Congresso que dança*, que no cine Aguiã  
d'Ouro tem óbtido retumbante sucesso.  
*O Congresso que dança* é um filme da

AGENCIA CINEMATOGRAFICA  
H. DA COSTA, L<sup>da</sup>

A Aliance Cinematografique Européenne apresentou ultimamente no Cinema dos Campos Elysios, em Paris, *Ronny*, de Reinhold Shünzel.

Vai satisfazer certamente os amadores de opereta filmada; aqueles, divertir-se-hão com um lindo conto de fadas, sem pretensões, tanto no ponto de vista de cenário, como de técnica, mas duma perfeita apresentação. As cenas são sempre dum gosto esmerado, impregnado duma franca alegria.

A fantasia do realizador conduz-nos a Perusa, capital do Principado de Rodolfo I, soberano de Anagostia. Neste país, a pragmática manda que os negócios de Estado estejam sob a tutela de uma mulher, esta sendo sempre a esposa do príncipe.

O jovem soberano é um amador de arte de fino gosto; gosta muito de teatro, é um excelente músico e compôs ele próprio uma magnífica opereta, que se propõe levar à cena no teatro real.

Os trajes escolhidos em Viena pelo intendente acabam de chegar a Perusa, sob a vigilância, durante a difícil viagem, de mademoiselle Ronny, desenhadora de grande talento. Foi ela quem compôs todos estes modelos, prova irrefutável de um estudo profundo da nova opereta.

A sua chegada, o príncipe crê ver nela a elegante mulher para protagonista, há tanto tempo esperada, porque é preciso salientar que a principal atriz faltava sempre à chamada. Ronny, muito impressionada com este desprêso do príncipe, não declina a sua verdadeira identidade; vai interpretar o principal papel da opereta, pelo qual teme, mas... não a conheceria já em todos os detalhes?



Nos estúdios da UFA, durante a filmagem duma cena de «Ronny»

A primeira apresentação tem lugar; enorme sucesso para o jovem compositor e sobretudo para a linda vedeta.

Presentes magníficos chegam de todos os lados; os ministros esforçam-se por lhe fazer compreender que nessa mesma tarde deveria casar com o príncipe.

Conscienciosa precaução para estes cavaleiros, ávidos de dinheiro; entendem que devem perpetuar as tradições do principado.

— Por todo o preço — dizem — Ronny deve ser a nossa Pompadour.

Todas as maquinações repugnam a Ronny, que aproveita uma entrevista com o príncipe para lhe revelar quem é e dar-lhe parte da sua indignação.

Decide voltar imediatamente a Viena.

Rodolfo rejubila, pois julga-a vítima duma odiosa maquinação dos seus ministros com a cantora.

Deixa-a partir, mas logo dá conta de que fez uma injustiça.

Como repará-la?

Corre à gare, mas o combóio acaba de partir.

Que fazer?

Felizmente, o combóio faz o percurso a dez quilómetros à hora, ser-lhe-há fácil alcançá-lo e tornar a rapariga sua princeza encantada.

Kate von Nagy é a intérprete de Ronny; o seu encanto, a sua beleza, são capazes de seduzir mais dum príncipe encantado, do seu talento esperamos ainda mais.

Marc Dantzer interpreta bem o papel de príncipe-artista de Perusa.

Lucien Baroux compôs um intendente muito simpático.

Lucien Callmond, o anjo da guarda de Ronny, desempenha conscienciosamente.

Em resumo, bons artistas, num decor feérico, duma alegre mocidade, lindas canções, música agradável, o suficiente para passar uma boa noite.

Paris,  
Janeiro  
de 1932.

**Geo Poirier.**

(Red. da INVICTA-CINE em França).

**O CARRILHÃO DA LIBERDADE**

(*Le carrillon de liberté*)

O *Carrilhão da Liberdade*, a nova tragédia belga da «Sybil-film», que nos foi apresentada a 8 de Janeiro corrente na linda sala «Mirades», é um belo filme, duma concepção original.

A Wullus Rudiger, o grande escritor belga, e Gaston Rondes, o realizador dêste filme, devemos prestar a justiça de ter ousado apresentar ao público sob uma forma nova, à qual não falta beleza, um filme de fundo, duma grande iniciativa moral.

Fazendo-o sair dos mais vivos sentimentos patrióticos, o autor esforça-se por demonstrar no prólogo, com uma evocação da heroica resistência de Anvers em 1914, todos os horrores da guerra.

Seguidamente, com o auxílio de um número limitado de imagens, Rudiger quis mostrar-nos os benefícios que devemos esperar da paz e duma larga colaboração fraternal de todos os povos.

Todas as tomadas de vistas são magníficas, notavelmente as da desfilada das tropas na grande praça de Bruxelas, que é um quadro duma rica qualidade, que necessitou do concurso da população e dos edis da municipalidade de Bruxelas. O que agradará sobretudo a todos, nesta produção, é a interpretação musical.

Nunca foi tam bem apropriada a vida do sonoro; a admirável ineronização do carrilhão na música dos guias é uma maravilha.

O defeito do filme resulta, da interpretação falada, muito teatral deixando a desejar. Não queria maldizer os artistas desta tragédia, que sabem comover o espectador, entretanto, analisando um filme desta qualidade, não se pode ficar calado, sobre a acentuação muito teatral destes personagens.

O excesso é em tudo prejudicial e foi com as atitudes extremamente patéticas, que estes artistas tornaram teatro êste bom cinema, que fazia uma angustia crescente no espectador.

O cenário leva-nos para o período anteguerra, há dezoito anos. Jacques Vleminx (Jacques Maury, um jovem pintor, é hospede de Nora Gigrud, Andrée Lafayette do Teatro Nacional) a linda castelã da Islandia.

Nêste burgo, velha residência familiar do



GEORGE MILTON, no filme «O Rei dos Borlistas», que brevemente nos aparecerá no engraçadíssimo fonofilme «O Rei da Graxa»

mais puro estilo flamengo, os jovens começam um idílio, quando a guerra arrebenta. Jacques tem de partir e voltamos a vê-lo em Anvers. Os alemães bombardeiam a cidade, na qual a população se aterrorisa; Jacques, num «élan» sobe à torre da igreja, toca no carrilhão a mundialmente conhecida «Madelon», que tem o condão de despertar a energia da população.

1919 — A Bélgica assassinada retoma a sua vida. Seguidamente a uma reunião dos delegados das províncias belgas decide-se dotar Bruxelas dum carrilhão, semelhante ao de Anvers, mas no qual cada país da Europa seja representado por um sino, símbolo da união das potências europeias.

Jacques tem a honra de ser o primeiro a acionar o carrilhão novo, o carrilhão da liberdade.

Jacques casou com Luiza (Madeleine Breville), mas logo Nora Gigrud, que não o esqueceu, vem procurá-lo e perturbar a felicidade do jovem lar. Que vai suceder? Jacques será suficientemente forte para resistir ao seu antigo amor? Não. Na manhã da festa do armistício foje para encontrar Nora; todavia a razão voltar-lhe-há na mesma manhã, cumprirá a sua missão de carrilhonista e voltará para junto de sua esposa, cumprindo os seus deveres de belga. — **Geo Poirier.**

**N**ÃO sei, leitores, como apresentar-vos a minha entrevista; eu jurei pelos meus penates que não divulgaria o seu nome e muito menos diria qualquer coisa, que levantasse o véu d'êste mistério. Mas exigem que lhes diga do que se trata e de quem se trata, e embora os meus penates se aborreçam, embora eu saiba que vou pôr em balanços um coraçãozinho gentil, que me aturou durante algum tempo, eu é que poderei fugir ao meu fim...

Quando, no último sábado, entrei na sala de projecção do Cinema Agua d'Ouro, uma dúzia de frisas cheias de mocidade, sem a grave circunspecção de quem está fazendo um trabalho difícil, deu-me que pensar.

Raparigas lindas, quási todas, e não posso dizer algumas, porque, dizendo quási todas, todas se julgarão lindas e ficarei elevado à categoria de santo, assistiam com rara atenção à projecção do filme. Lembrei-me logo que se tratava dum colégio, e, afim de satisfazer a curiosidade, aproximei-me.

— E' um artiodáctilo! Não te parece, Ema?

— Quem, aquela preta?

— Não, aquele zebú.

— Ah! Sim, tens razão.

Tinha parte das minhas suposições fundamentadas; comecei inquirindo e logo soube que se tratava das alunas do Liceu Carolina Michaëlis, às quais a gentileza da gerência do Cinema Agua d'Ouro tinha cedido as frisas...

Um grito abafado de mulher indicou-me que o preto havia sido *jantado* pelo leão; seguidamente, os cantares dos El-Morau avisaram-me que o filme estava no fim; e ouvido «O grande violinista», depois duma série ininterrupta daqueles beijos judfacos que costumam trocar as mulheres, o grupinho lindo, que havia tão festivamente decorado as frisas do Agua, debandava...

Seguimos uma aluna do Carolina Michaëlis, nosso conhecimento vólho, e apresentamos-nos e perguntamos:

— A que obedeceram as vossas visitas ao Cinema Agua d'Ouro?

— Diziam-nos que *A voz da Africa* era um filme altamente instrutivo; formulamos desejo de o ver e a emprêsa dêsse Cinema colaborou, oferecendo amavelmente as frisas que nos viu ocupar...

— E impressões...

— As melhores, as mais lisonjeiras. Como sabe, sou cinéfila, não daquelas que procuram saber onde mora o Henry Garat ou o Ramon Navarro, simples mortais que não valem, às vezes, a mocidade dos rapazes tripeiros; portanto, pelo que tenho estudado, pelo muito que tenho lido, sei que naquela fereza das fêras, no à vontade dos operadores há truca-gem, mas também sei que ali há muita verdade.

*A voz da Africa* não era um documentário comezinho, banal, como um *Bango*, como um *Com Byrd no Polo Sul*, muito embora a minha opinião desagrade ao snr. Alberto Pereira. E' um documentário a ser quási perfeito, uma

verdadeira missão de estudo, que a espectadora empreende sentada no seu lugar. Aquelas cênas do leão comer...

O *Amok*, que nos acompanhava com os seus olhares, deve ter parecido à rapariga um mamífero carnívoro, porque se desnor-teou e eu não consegui reatar a entrevista...

— Acha vantagem nestas exhibições ao público?

— Oh! Sim, sem dúvida. Pena é que todos os liceus e escolas do Pôrto não viessem numa sessão particular ver êste filme; nessa sessão, substituindo o engraçado *speaker*, um professor poderia realizar uma conferência sobre o assunto que se projectava. Daria talvez ainda mais, uma série de ensinamentos mais vastos do que os patenteados.

— O ensino da geologia no seu liceu é acompanhado de projecções demonstrativas?

— Infelizmente, não. Quando lá fora todos os países cuidam do apetrechamento cinematográfico das escolas, em Portugal nada disso se faz, nada se vê. Compra-se um electroscópio, que trabalha, quando trabalha, uma vez por ano, sem resultados na vida prática; gasta-se dinheiro em bugigangas de física, que não têm senão utilidade de momento, mas comprar uma máquina de cinema, mostrar aos alunos o vasto campo que tem hoje a cinematografia, disso não se cuida. No entanto, o electroscópio empoeira-se nos armários e o ensino faz-se cada vez mais anti-pedagógica-mente. A ciência deve ser empilhada no crâ-neo dos alunos, verdadeiro armazem de inutilidades práticas. Infelizmente, estuda-se em 1932 como se estudava em 1872. O atrazo dos processos, com a renovação permanente da ciência... Bem haja a réstea de luz que lança um filme d'êstes no nosso cérebro, cheio de classificações geológicas; mas para que se vejam estes filmes é necessária a magnanimidade das emprêsas cinematográficas, que não podem ser sempre generosas. Estudar no nosso país, é sinónimo de decorar, cansar o cérebro, atravancá-lo de futilidades...

O *Amok* está impaciente; pois embora ache a conversa interessantíssima, está morto por que eu termine. Pronto, faça-lhe a vontade...

S.



### 3:000 Flores

numa caixinha  
Um só traço imperceptível de  
Perfume compacto «Guéneaux»  
envolver-vos-há durante todo  
o dia dum perfume agradável  
e duradouro.

Preço de cada caixinha, 10\$00  
Perfumes: Muguet, Cravo,  
Chypre, Rosa, Lilás, Violeta,  
Origan. Exclusivo:

Perfumes «Guéneaux»

R, 31 de Janeiro, 151-1.º—PORTO

# FITAS FALADAS...

## CINÉFILOS

Todo o cinéfilo que se preza, além das já apregoadas qualidades de *fashionable*, deve ser medularmente bisonho. Ainda que por fóra pareça uma pessoa de boa disposição, risonha, saudavel, por dentro deve ser estacionário e aborrecido como uma lápide mortuária.

Isto segundo o padrão, o *canon* do bom cinéfilo. Com efeito, até hoje, na massa dos frequentadores assíduos dos espectáculos de cinema, dos que discutem a técnica dum filme em linguagem *bestial* e dos que classificam a arte das estrelas e azes com adjectivos hiperbólicos, ainda não encontrei um único precioso exemplar que destoasse do diapasão por onde afina a comunidade.

Se deparo com alguns deles — dos da massa — e me preparo para demonstrar que a causa cinéfila dispõe de fracos sustentáculos, há sempre perto de mim um que simpatiza com os cinéfilos e que me resfria os ânimos afirmando:

— Pois daquela massa é que eles se fazem.

E é, de facto.

Para mim, confesso-o aqui à puridade, ser-se *cinéfilo* é uma *madureza* como outra qualquer.

Quando o teatro atingiu o ponto culminante do seu apogeu (porque é bom que se saiba: o teatro está numa fase declinatória) os rapazes que de teatro menos percebiam, juntavam-se num Grupo Dramático ao qual davam um nome mais ou menos familiar ou pacifista, convidavam umas tantas raparigas a ingressar no Grupo e depois das coisas bem combinadas — este vai de cómico, aquele de vegete, aqueloutro de galã, esta de dama central, aquela de ingénua e assim sucessivamente — tratavam de assassinar uma peça. Ora a estes maduros chamava-se-lhe (e creio que ainda se chama) amadores dramáticos.

Os amadores dramáticos, com as suas asneiras, a sua ignorância e a sua filaiuciosa impertinência são os precursores dos *cinéfilos*, que todos nós conhecemos e aturamos. Aqueles, ainda assim, eram denominados «furiosos», e estes ainda não mereceram, sequer, o cognome de mansos.

Pois, meus caros cinéfilos, no dia em que vocês deixarem de pensar por conta dos outros (e quando cada um definir a sua personalidade, quando finalmente, deitarem fora a máscara do riso forçado e se resolverem a procurar a vida na vida, gosando, passeando, conquistando, mas tudo isto feito com consciência própria, pon-do de parte a imitação ou a influência do sr. Clive Brook, do sr. A. Menjou, do sr. Willy Fritsh, ou qualquer outro (que são todos eles umas simpáticas pessoas que gosto muito de ver na tela, só na tela), nesse dia, caros cinéfilos, irei ter com vocês para lhes dizer que terei muita honra em ocupar o lugar de corneteiro nas hostes dos homens cinéfilos.

## UMA REVELAÇÃO

Se Hollywood conhecesse de perto o movimento cinematográfico português, decerto o transportava para tela num daqueles filmes cómicos, muito disparatados, que só os americanos sabem fazer.

E, na realidade, se analizarmos com senso o que temos feito, concordamos que somos uns desatinados.

Quero referir-me aos artistas portugueses que se revelaram no primeiro filme que interpretaram, sendo depois esquecidos, ou aproveitados para interpretar papeis muito aquém das suas possibilidades — o que, a meu ver, é bastante peor.

Escrevo isto a propósito dum «consta» que corre actualmente em Lisboa.

No novo fonofilm português *Campinos*, cuja montagem parece já está concluída, aparece um garoto num dos principais papeis.

Esse garoto, segundo me disse um amigo que tem assistido a todas as filmagens desse filme, revelou-se sobremaneira, destacando-se dos outros artistas em todas as cenas onde aparece.

E acrescentou o meu amigo:

— É um Jackie Coogan português, com quem podemos contar para futuros filmes.

Mas isto também se disse de Rosa Maria, quando se estreou *Maria do Mar*.

E aproveitaram-lhe, depois, as faculdades artísticas que revelou?

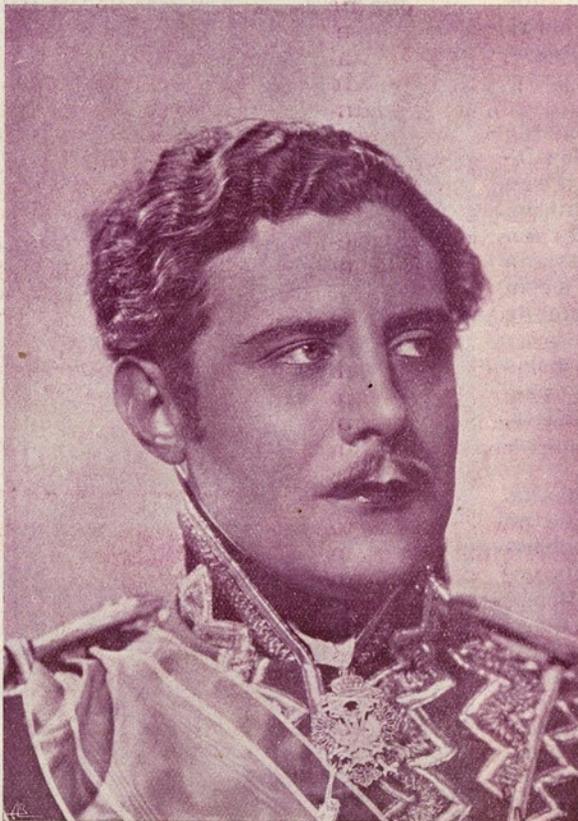
Pelo contrário.

No papel que lhe deram em *Nua* estragaram-lhe todo o trabalho anterior!

E Heloísa Clara, que se revelou em *Vêr e Amar*, tem sido aproveitada como devia? Não!

Ora bolas para as teorias do nossa cinema!

E continuem — com esta orientação — a lançar as bases para a construção do estúdio nacional...



HENRY GARAT

o protagonista de «O Congresso que dança»

Lisboa,  
Janeiro, 1932.

Douglas Faz... bancos.

# Um "Don Juan,, em miniatura

**J**ACKIE COOPER é um garotinho muito simpático, que cativa logo à primeira vista.

Ele sabe muito bem quando tem de falar e quando deve estar calado.

Sabe guardar silêncio em tudo o que se refere a assuntos cósmicos, tais como mulheres, etc. Mas, quando se refere a futebol, natação e gulodices — isto então muda de figura: fala tão depressa que quasi desconcerta a pessoa com quem está discutindo.

Para se dizer a verdade, Jackie encontra-se numa posição muito complicada. Mais de sessenta mulheres, jovens e idosas, têm manifestado, pública e orgulhosamente, que Jackie é o «seu preferido». E que poderá fazer um jovem em caso semelhante? Exactamente o que faz Jackie. Sorri e não diz palavra.

No meio destas setenta mulheres estão Norma Shearer, Joan Crawford, Marie Dressler, Anita Page e Madge Evans. Por aqui se pode avaliar em que situação terrível se encontra o pobre Jackie!

A única coisa que Jackie faz é deixá-las falar, ouvindo-as com um sorriso cordial na sua face sardenta, arrebitando o nariz e acenando a cabeça várias vezes, murmurando depois com os seus bolões: «Ah, vão plantar favas!» Isto, claro está, quando elas estão longe.

«As mulheres estão muito bem — dizia Jackie, num dos intervalos de filmagem, entre duas colheradas de sorvete — logo que me deixem em paz e não me tentem beijar.»

Jackie estava muito elegante naquele dia, melido na sua fatiote nova, saboreando o seu sorvete com muita precaução, afim de se não sujar. No dia antecedente, êle tinha festejado o seu oitavo aniversário, e esta roupa tinha sido presente de sua mãe.

«Vou dar um passeio pelas redondezas e ver algumas pessoas antes de mudar a fatiote. Mais tarde nos veremos no cenário», disse-nos Jackie.

Eram dez horas da manhã. Jackie devia apresentar-se no cenário às onze em ponto, afim de filmar certa cena da sua nova película com Wallace Bery. Assim, Jackie teve só cincoenta e sete minutos para passear e ver os amigos, e três minutos para despir a roupa nova e trocá-la por uma outra rasgada, própria para o papel que ia interpretar. Ele transformou a sua personalidade num abrir e fechar de olhos e quasi sem fôlego, mas chegou ao estúdio à hora exacta.

Jackie não é parecido com nenhum outro actor infantil, mas dá a ideia dêsses milhares de garotitos de oito anos que chegam à escola todas as manhãs, limpos, arranjados, e que voltam à tarde para casa sujos e com a roupa em desalinho. Jackie não pode estar três minutos com o cabelo penteado; tem horror às gravatas e colarinhos. Jackie não é decididamente um actor. Ele é o mesmo Jackie de sempre em todas as suas interpretações. Eis aqui, emfim, um astro por meio de quem se pode provar a pureza e simplicidade da vida nocturna de Hollywood. De vez em quando vai ao cinema à sessão das sete, mas, ordinariamente, vai para a câma às oito em ponto. Em compensação, levanta-se ruidosamente no dia seguinte com o despontar da aurora.

Os alimentos de que Jackie mais gosta são: sorvete, leite e galinha. O seu desporto favorito é o futebol.

(Continua na pág. 14)



JACKIE COOPER

**Alex** — Lisboa — Estava longe de esperar a sua visita, mas se ela foi inesperada nem porisso deixou de me dar prazer, creia-me. Só lamento não poder satisfazer a sua curiosidade, dando-lhe a informação que me pede. Já ouvi falar no filme a que Você se refere, mas não sei nem o titulo dele nem quem são os seus intérpretes. Consultei calhamaços, revolvi papelada, perguntei a toda a gente e nada consegui. Para lhe ser agradável, cheguei a recorrer à sapiência quasi infalível do meu amigo e camarada «Eu sei tudo»... e mesmo esse não sabia nada...

Dê cumprimentos meus ao «homem das fatias da China» e disponha sempre deste seu criado.

**Guidita** — Porto

— A sua última carta, assim como o que a acompanhava, divertiu-me a valer. Esse rapazinho com quem se corresponde é muito habilidoso em epistolografia amorosa e muito

cômico no emprego dessa linguagem tão pretenciosa com cheia de lugares-comuns. Mas, ainda que me ria, eu chego a ter pena dele, ao ver a ingenuidade com que se deixa enganar... Coitado!... Tanta ternura, tantas palavras caras desperdiçadas!... Antes gastasse os seus dons, fazendo declarações de amor às artistas de cinema... O outro foi realmente um ingrato, um grande maroto, mas Você que queria? O cinema roubara-lhe todas as atenções, era a sua verdadeira paixão. É natural que esteja meio arrependido, mas talvez já seja tarde... Não fiz alusão nenhuma ao que me diz. Está enganada. Estou-lhe muito grato pela amizade que tributa à nossa revista e espero que continui, de quando em quando, dando-me notícias suas.

**S. Justino** — Pôrto — Mas evidentemente que teremos muito gosto em contá-lo no número dos nossos assinantes. Obrigado pela importância que nos enviou. E quando quiser alguma coisa, desta secção, é só mandar.

**Hugo J. S. Moreira** — Lisboa — A Direcção agradece muitíssimo o renovamento da sua assinatura.

**Joaquim A. Teixeira** — Pôrto — Acusamos recepção da sua carta. Vamos ler o que nos mandou. É possível que seja publicado na «Tribuna dos Leitores».

**Asmodeu** — Funchal — Então Você tem aí essa artista e não tem a lembrança de ir ter com ela, de lhe falar, mesmo em nosso nome, e de lhe pedir um autografo?!... Se ela ainda aí estiver, arranje coragem e atire-se de cabeça. Conte-nos o que ela lhe disser e nós cá arranjaremos o resto. Valeu?

Bravo! Vocês agora tem tido filmes magníficos. Também, ou é tudo ou é nada. É muito sensata a sua opinião sobre o filme de Milestone *A Oeste Nada de Novo*. Não conheço o seu patricio. Os filmes de que fala, conheço-os apenas de nome, pois nunca foram exibidos no Pôrto. O titulo da fita que o seu amigo diz ir manivelar parece-me que não me é totalmente desconhecida. Mas, realmente, não sei nada a esse respeito.

Obrigado pelas suas fotos. A maior está interessante. Escreva sempre e recomende a nossa revista aos seus amigos cinéfilos.

**Admirador de Annabella** — Pôrto — Também eu gosto muito dessa artista. Em *Uma Noite de Rusga* ela tem um belo papel que desempenha com uma simplicidade cem por cento encantadora. Escreva-lhe para 19, rue Chanzy, La Varenne — St. Hilaire (Sene) — França. Costuma mandar retrato, mas não sei se gratuitamente ou não.

**Je l'aime, Voita** — Pôrto — É muitíssimo natural. Também a mim me encantou, e em todos os sentidos... Creio que Mary Glory conquistou muitos «fans» com «*Dactylo*». A sua direcção é 3, rue Berton, Paris (17<sup>me</sup>), França. Escreva-lhe daqui por mais algum tempo, porque presentemente encontra-se em Berlim. As artistas europeias andam sempre a saltitar. Armand Bernard: Film Führer, 217, Friedrickst., Barlim S. W. 68, Alemanha.

**Henrique F. Bernardo** — Gaia — Escreva para Paramount Publix Studios, Hollywood, California, U. S. A. Não deseja ma's nada?

**Mar-e-Alva** — Pôrto — Como deve ter visto no número passado nós não poupamos elogios ao lindissimo filme de Kurt Bernhardt, *A Ultima Companhia*. É na verdade uma obra muito notável, e duma beleza rara. Reparou naquele *travelling* do começo? Uma maravilha! Mesmo a história é interessante, emocionante. *A Ultima Companhia* foi o melhor filme daquela semana. E claro que o «grande público» (grande no nome mas

pequeno na inteligência) aborreceu-se solenemente... O que Você ouviu, também eu ouvi, mas isso ainda não foi nada comparado com o que aconteceu na noite de quarta-feira. Veja a direcção de Annabella numa das respostas anteriores.

Obrigado pelo abraço. Não maça nada, pode escrever-me sempre que queira.

**A menina da franjinha** — Pôrto — Você está desesperada! Já lhe respondi no número anterior, como deve ter visto. Eu não posso mudar o penteado às minhas leitoras, nem isso é coisa que me interresse. Fale-me antes de coisas de cinema e deixe lá as franjinhas. E não fique zangada!...

**Pipak** — Lisboa — A apresentação de *Viva a Liberdade*, o recente filme de René Clais, está anunciada para breve. Pelo que disse o nosso correspondente em Paris e pelas criticas francesas que lemos, *Viva a Liberdade* deve ser uma obra de grande valor. — Gaby Morlay: 22 rue de la Foixanderie — Paris (xvi) — França. Não sei se costuma mandar retrato.

**Estudante** — Pôrto — Não sei a que se quer referir. É favor explicar-se mais claramente.

**Cinéfilo debutante** — Pôrto — O que você diz chama-se «dubbing»: Em todas as versões o filme tem os mesmos interpretes, mas outros artistas falaram por eles. Este processo, bastante económico, parece que já se está fazendo com uma certa perfeição. Eu, todavia, continuo a preferir as versões originais, a não ser que se trate de filmes de pouca envergadura. A rapariga que fazia o papel de Dora em *A Ultima Companhia* era Karin Evans. Este filme já não é recente; Creio que foi concluído em começos de 1930.

**Ex-fonocinéfilo** — Pôrto — Pois claro que parecia mal andar a dizer esses disparates do fonocinema. Hoje já poucos teimosos existirão, chorando-se e pedindo o retorno do silencio integral. Mas ainda há alguns... como ainda há quem teime em andar de carro de cavalos... dizendo que os automóveis são os meios de viação mais incomodos e mais antihigiênicos... O que vale é que ninguém lhes liga importância.

*Amok.*



*Tragedia*

**CABELEIREIRO DE SENHORAS**  
R. Sá da Bandeira, 3

(junto aos Congregados)

ELEVADOR PARA TODOS OS ANDARES  
Telefone, 833 — PORTO

## Um bonus valioso

A Empresa do Cinema Aguia d'Ouro, acaba de nos ceder um bonus de 50 % em todos os lugares da sua casa, beneficiando não só a nossa revista, como os nossos queridos leitores.

Para a Empresa do Cinema Aguia d'Ouro, vão os nossos melhores agradecimentos.

Concedendo-nos este bonus auxilia grandemente aqueles a quem a crise actual atrapalha; sendo a Empresa que mais tem pugnado para tornar o público do Porto e do norte conhecedor de bom cinema, esta empresa não se poupa a sacrifícios para elevar pela grande escola do cinema a cultura popular.

Mercê duma gerência primorosa, dum acrisolado e devotado amor à causa, o Cinema Aguia d'Ouro é hoje, o baluarte do cinema nortenho, aquele que é o fiel demonstrativo do valor do cinema nesta zona do país.

Este bonus, auxiliando assim a resolução dum problema grave, vem valorizar extraordinariamente a nossa revista, que só vive do público e dos anunciantes.

Oxalá os nossos leitores saibam concorrer gentilmente, a esta amabilidade da Empresa do Cinema Aguia d'Ouro.

## OS DOIS MELHORES FILMES DA SEMANA

(Continuado da pág. 3)

Não me refiro já à perfeição técnica, à virtuosidade dessa passagem—Vocês notaram o longo *travelling* que a câmara aqui faz? Extasio-me perante o resultado obtido. É um crescendo maravilhoso, que começa quando a carruagem roda lentamente pelas ruas de Viena, levando a linda lueira, de cabelos soltos, louca de contente, revelando no seu sorriso, no seu olhar, na sua voz, toda a juventude, toda a felicidade que a embala! Este fragmento, sem dúvida alguma o melhor de todo o filme e que vale bem mais do que todo o resto, é um verdadeiro cântico à juventude, um grandioso hino à vida, que nos faz esquecer tudo, que nos arrebatava, que nos faz sentir verdadeiramente a alegria de viver!

Lilian Harvey, que é hoje um elemento insubstituível na cinematografia mundial, anima todo o filme não só com a sua graciosa presença, como também, e sobretudo, com o seu grande talento de comediante. No género, Lilian Harvey é uma artista inigualável, inconfundível e merece bem a fama que hoje gosa na Europa toda. Armand Bernard, um pouquinho burlesco, mas cem por cento bom actor, cem por cento engraçado e cem por cento... Armand Bernard. Henry Garat vai bem, mas

## Um "Don Juan,, em miniatura

(Continuado na pág. 12)

Os aeroplanos em miniatura são os seus brinquedos predilectos. Disse êle que, quando crescer, vai ser aviador, engenheiro ou polí-cia. Jackie não pode, por enquanto, decidir sobre isto, pois é muito cedo ainda para pensar em arranjar uma profissão.

Jackie, quando anda, balança-se para traz dum modo engraçado. Gosta imensamente de dar palmadas ressonantes nas costas dos seus amigos. Pára sempre com um pé cruzado sobre o outro e as mãos no bôlso. Usa um distintivo muito parecido com os que usa a polícia particular dos estúdios.

E que felizardo com as mulheres! Não se pode negar! Os Glabes e Montgomerys têm que se recolherem à sua insignificância quando o afável Mr. Cooper entra indiferentemente na sala. Tem um sorriso que é o suficiente para conquistar qualquer coração feminino.

Jackie é inteligente. Deixa que as mulheres falem, pois sabe perfeitamente que o silêncio é ouro.

Talvez haja uma razão especial para êle se conservar calado. Ninguém o sabe realmente, mos andam murmurando em Hollywood que o coração de Jackie já foi roubado. Pode ser que seja calúnia... mas não sem motivo, pois Jackie está sempre ao telefone, assiste invariavelmente às estreias dos filmes dum certa estrêla e aplaude calorosamente quando ela aparece na tela. Vão almoçar frequentemente... e muitas vezes são vistos juntos na praia.

O nome desta felizarda estrêla é Marie Dressler. Não é segredo. Entretanto, nem êle nem ela admitem coisa alguma.

Jackie mantém o seu silêncio habitual em questões de amor. Comtudo, o seu sorriso deixa transparecer algo inteligente e os seus olhos brilham quando se menciona o nome de Marie.

Pode ser que seja sómente um boato. Nunca se pode dizer nada de definitivo a respeito destes jovens sorridentes e calados. São muito espertos.—*Orita Lage.*

cada vez me convenço mais de que não é actor de grande estofo.

Enfim: gostei de *O Congresso que dança.*

*Ce n'est qu'un rêve...* mas a verdade é que é un joli rêve!

*Alves Costa.*

## B O N U S

AGUIA D'OURO  
PASSOS MANUEL  
O L Y M P I A  
O D E O N

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 30 de Janeiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 28 de Janeiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 28 ou 30 de Janeiro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 30 de Janeiro de 1932.

# AGUIA D'OURO

**2.<sup>a</sup> S e m a n a  
de exibição**

da maior maravilha  
do cinema europeu



## Congresso que dança

Super-produção de Erick Pommer  
para a **U. F. A.**, com:

*Lilian Harvey,*

*Henry Garat,*

*Pierre Magnier, Robert Arnoux,*

*Gean Dax, Lil Dagover, Paul*

*Olivier e Armand Bernard*

Realização de *Erik Charell*

# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

A firma detentora dos melhores filmes  
europeus e americanos

**a p r e s e n t a**

**b r e v e m e n t e**  
**n o P ô r t o**

o encantador fonofilme  
baseado na célebre opereta de  
André Barde e Maurice Yvain

## **NOS LÁBIOS... NÃO!...**

(Pas sur la bouche)

produzido pela LUNA FILME.

Interpretação de:

**Nicolas Rimsky,**

Mireille Perrey, Madeleine Guitty,  
Jane Marny, Lucien Galas, Jacques Gré-  
tillat, Pierre Moreno e Alice Tissot.

Uma produção cheia de situações hilariantes.  
Música lindíssima. Agradáveis canções.